



A MULHER E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: uma questão muito além do gênero

WOMEN AND SCIENTIFIC COMMUNICATION: a question far beyond gender

GT 1 – Cultura, informação e sociedade

Modalidade da apresentação: resumo expandido

NEVES, Tatiely Mayara de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho busca perceber como as disparidades de gênero afeta a comunicação científica, sobretudo, através da mulher na Ciência da Informação (CI). Para isto, foi feita uma análise preliminar da distribuição de cargos quanto o gênero no que se refere os/as comitês/equipes editoriais de periódicos científicos da região Nordeste. Como se trata de uma pesquisa ainda em andamento, pode constata-se até o momento, que há uma quantidade predominante de mulheres, porém, isto não repercute em cargos de chefia dentro da conjuntura machista de sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Questão de gênero. Periódico científico. Machismo.

ABSTRACT

The present work seeks to understand how gender disparities affect scientific communication, especially through women in Information Science (CI). For this, a preliminary analysis of the distribution of positions regarding the genre was made in relation to the committees / editorial teams of scientific journals of the northeast region. As it is a research still in progress, it can be verified to the moment, that there is a predominant amount of women, however, this does not have repercussions in positions of leadership within the macho conjuncture of society.

Keywords: Woman. Gender issue. Scientific journal. Chauvinism.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. E-mail: tatielymon@hotmail.com

Em busca de verdades científicas a comunicação se desenvolve. E sendo assim, o processo de tratamento para tornar uma informação científica requer processos através de buscas constantes que envolvem muitos personagens que vão desde cientistas, acadêmicos, pesquisadores e diversos outros profissionais das ciências. E pode-se dizer que todos desempenham papel de relevância no desenvolvimento da informação. Entretanto, qual é o papel da mulher dentro desta conjuntura sócio científica?

Estudar a representação feminina no que tange a editoração de periódicos científicos, é um assunto pertinente no sentido de evidenciar a ocupação da mulher nos diversos campos profissionais, até mesmo para a difusão da informação científica. Para isso, busca-se pesquisar o empoderamento feminino no processo de editoração científica, especialmente em periódicos da área da Ciência da Informação (CI). O processo metodológico preliminar desta pesquisa prever analisar a distribuição dos comitês/equipes editoriais quanto a questão de gênero e como isto pode influenciar na concepção do profissional da informação perante a sociedade atual.

2 O FEMININO, O FEMINISMO E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A partir do século XIX e início do século XX as discussões sobre gênero, feminino e mulher ganharam notoriedade, isto decorre especialmente da força organizada do movimento feminista. E se hoje temos um momento no qual o feminismo está em alta, por outro lado, mais do que nunca ainda é preciso lutar para adquirir uma legítima emancipação de gênero em várias áreas do conhecimento e com a Ciência da Informação (CI), principalmente através da Biblioteconomia, não seria diferente.

[...] O preconceito de gênero, como produto social, cultural e histórico, que institui e determina constantemente uma imagem negativa e inferiorizada das mulheres, nem sempre se dá de forma explícita; muitas vezes, ele se dá de forma velada, sutil, e aí residem, justamente, sua força e eficácia (SILVA; RIBEIRO, 2014, p. 455).

A julgar que as relações de poder foram estruturadas por ideologias machistas em prol do sistema patriarcal de organização social, um fator que contribuiu para perdurar essa forma velada de preconceitos de gênero que apenas institucionalizaram a subordinação e a domesticação do feminino pelo masculino ontem e hoje.

A questão da mulher, geralmente foi associada em oposição e de forma inferiorizada a do homem e esta distinção acarretou equívocos refletidos no decorrer da história, atingindo diversos contextos (social, cultural, econômico, político entre outros). Ao introduzir essa

discussão no contexto acadêmico, viabilizou a chamada lógica binária de mundo (natureza versus cultura), esta oposição é explicada por Zirbel (2007, p. 131) na forma: “[...] que definiam as mulheres como mais próximas da natureza, da reprodução, da passividade e do irracional (em oposição à cultura, ao trabalho produtivo, à ação transformadora e à razão)”. Evidentemente, essa ideia pretendia explicar a opressão feminina pelo prisma de fatores naturais, autenticando assim o machismo como forma de poder, característica que propiciou (e ainda proporciona) questionamentos, isto apenas solidifica a importância necessária do feminismo na sociedade, no lar, no trabalho e onde haja desigualdade de direitos entre homens e mulheres.

A segregação e a subordinação da mulher na sua unidade familiar seguiram para o mercado de trabalho, a “força de trabalho” feminino é uma mercadoria lucrativa ao capitalismo, já para o marxismo é uma questão problemática, sobretudo, por não considerar o fator da interseccionalidade. Entretanto, para ambos, de maneira diferente, conseguem manter relações bem desiguais com o feminismo. Para Silva e Ribeiro (2014) não é apenas a questão biológica que determina a distribuição dos papéis, inclusive o da maternidade, as relações de gênero são atravessadas pelo poder/saber dos discursos que de certa forma tem uma carga de significado social transvestido de natural.

[...] estereótipos sobre as habilidades diferenciadas entre homens e mulheres e influenciam as escolhas que as mulheres fazem cedo em sua existência, estabelecendo barreiras que limitam suas chances de vida. Dois tipos de mecanismos são geralmente identificados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres: a segregação horizontal e a segregação vertical” (OLINTO, 2012, p. 69).

Se por um lado a segregação horizontal levam as mulheres a seguirem caminhos diferentes da dos homens na forma de profissões de menor prestígio, a outra segregação, a vertical é um modo sutil em manter mulheres em posições que não progredam profissionalmente, mantendo-as em posição de subordinação (OLINTO, 2012).

Além disso, esta ambivalência caricata possibilita efeitos visíveis na carreira da mulher no mercado de trabalho, esbarrando entre outras coisas com o fenômeno denominado de *glass ceiling* ou teto de vidro, definido como: “[...] uma barreira supostamente invisível que impede as mulheres de atingirem o topo da academia, chamando atenção para as múltiplas etapas das quais as mulheres são excluídas ao tentarem subir escadas acadêmicas ou industriais” (SCHIEBINGER, 2001, p. 16 apud BORGES; OLINTO; LETA, 2014, p. 3561).

Apesar disso, as/os profissionais da informação têm nos estudos de gênero um terreno incipiente e prolífero para a pesquisa. “[...] a CI, por ter como base a informação, tem por objetivo e função principais as análises das relações entre os discursos, as comunidades, os



documentos, bem como suas interações e interpretações que emanam de certos conjuntos de usuários. [...]” (CAPURRO, 2003 apud BRUFREM; NASCIMENTO, 2012). A Ciência da Informação (CI) por se considerar um campo transdisciplinar colabora com outras áreas do conhecimento por intermédio das relações estabelecidas pela informação, logo, se entendermos a relação social entre os gêneros como um complexo campo de estudos, as possibilidades de estudo são diversas, heterogêneas e fundamentais para a contemporaneidade só precisam de maiores investimentos para vislumbrar a tão almejada mudança de pensamento e comportamento diante do cenário histórico, científico e social de homens e mulheres.

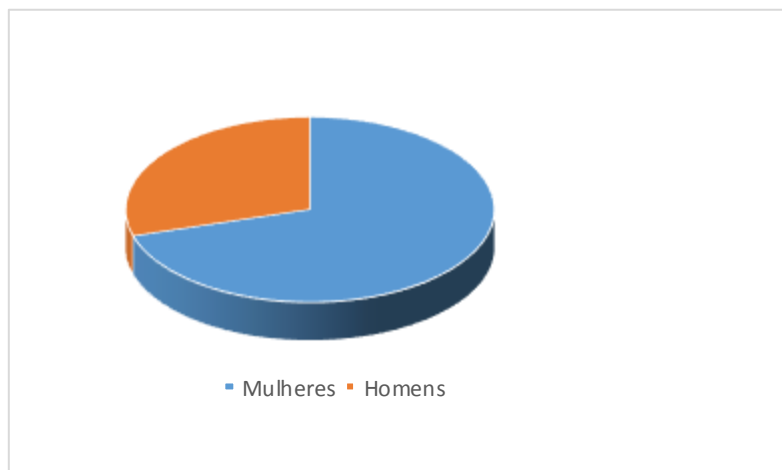
3 METODOLOGIA

A pesquisa busca, através de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, analisar o panorama da representação feminina, por meio de coleta de dados, especialmente por procedimento estatístico utilizado com intuito de organizar as informações obtidas pelo acompanhamento das equipes/comitês editoriais no decorrer do estudo em destaque.

4 RESULTADOS

Com base em sites dos periódicos científicos. Contudo, a amostra preliminar para essa pesquisa dará ênfase as equipes editoriais (ou comitês editoriais) dos periódicos especializados na CI da região Nordeste. É importante recordar que o periódico nada mais é do que o resultado de uma pesquisa de cunho acadêmico que pode ter sido uma comunicação informal de um autor (a) ou autores (as) que foi analisado por indivíduos, provavelmente da sua área em comum, de forma restrita e antes de se tornar uma comunicação formal impressa (em suporte físico ou on-line) foi julgado, revisado e havendo a aceitação foi publicado a um público muito mais amplo do que inicial. Daí mostra sua pertinência perante o conhecimento científico. Diante disso foi utilizado alguns periódicos.

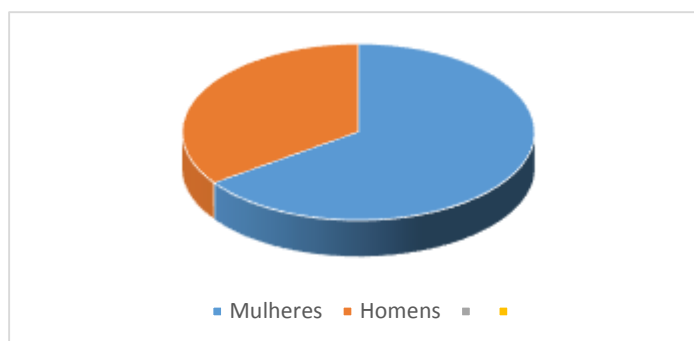
Gráfico 1 – BiblioCanto



Fonte: elaboração da autora.

O periódico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN): BiblioCanto, é constituído por 27 pessoas (19 mulheres e 8 homens). Obs: Ausência de um cargo de gerência;

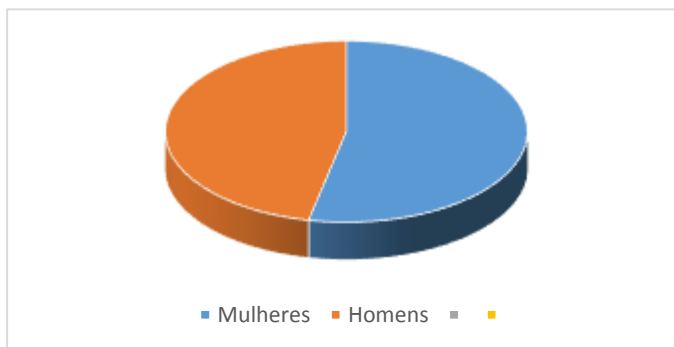
Gráfico 2 – Ciência da Informação em Revista



Fonte: elaboração da autora.

Já o periódico da Universidade Federal de Alagoas (UFAL): Ciência da Informação em Revista, é constituído por 23 pessoas (15 mulheres e 8 homens). Obs: dois homens a frente como editores e são os mesmos nomes que fazem parte do conselho editorial;

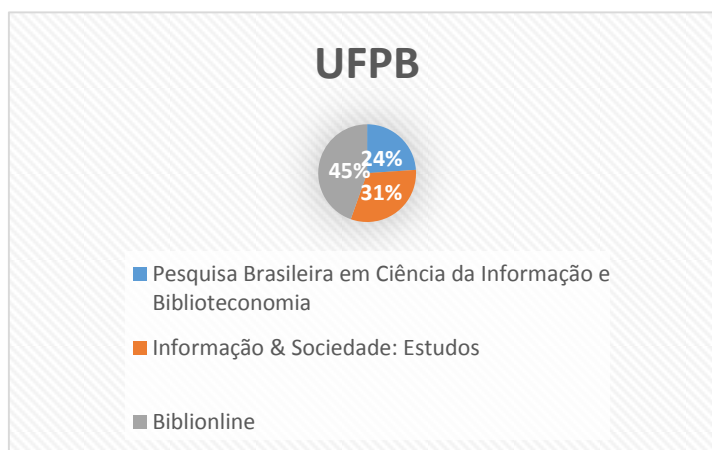
Gráfico 3 – Ciência da Informação em Revista



Fonte: elaboração da autora.

O da Universidade Federal do Ceará (UFC): Informação em Pauta, é constituído por 30 pessoas (16 mulheres e 14 homens). Obs: uma mulher como editora;

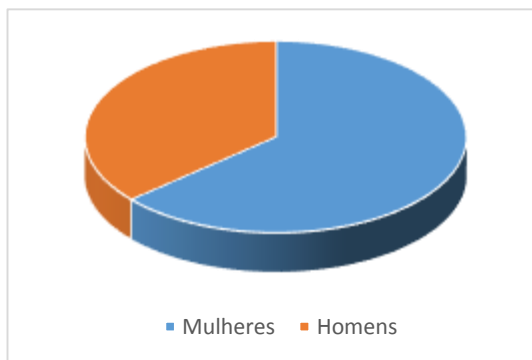
Gráfico 4 – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Fonte: elaboração da autora.

O diferencial da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são os quatro periódicos. O Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, é constituído por 22 pessoas (15 mulheres e 7 homens). Obs: um trio de editores gerenciam (2 mulheres e 1 homem); O outro Informação & Sociedade: Estudos, é constituído por 29 pessoas (17 mulheres e 12 homens). Obs: uma dupla de editores (uma mulher e um homem). E o último Biblionline, é composto por 41 pessoas (31 mulheres e 10 homens). Obs: uma mulher como editora.

Gráfico 5 – Ponto de Acesso



Fonte: elaboração da autora.

E o periódico da Universidade Federal da Bahia (UFBA): Ponto de Acesso, é formado por 22 pessoas (14 mulheres e 8 homens). Obs: uma mulher como editora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento que assimilamos que: [...] a informação é considerada como objeto multifacetado, sendo possível reconhecer também sua complexidade constitutiva no espaço dos diversos campos do conhecimento, que nos direciona a uma abstrusa delimitação do objeto de estudo da CI no âmbito do interdisciplinar (SILVA, 2014, p.33). E isto é espelhado certamente nos estudos de gêneros, que andam em passos lentos especificamente na CI, embora demonstrem que as diferenças de gênero afetam nas escolhas profissionais, nas oportunidades no mercado de trabalho, comprometendo assim as chances de promoção e retorno salarial das mulheres (OLINTO, 2006). Além disso, rótulos que configuram a(o) cientista da informação, como sendo uma profissão tipicamente feminina não repercute em maiores estudos sobre a temática. Todo o desenvolvimento da profissão com seus padrões histórico-culturais construídos e transformados no decorrer do tempo configuram o atual o perfil do profissional, fato que pode ou deveria viabilizar vários e diversos questionamentos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Elinielle Pinto; OLINTO, Gilda; LETA, Jacqueline. Gênero, ciência e contexto regional: reflexões sobre resultados acadêmicos da pós-graduação no Brasil. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: < <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/825>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna S. do. A Questão do gênero na literatura em ciência da informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 18, edição especial, p. 199-214, dez. 2012. Disponível em: <



<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000011914/c48f36708679289a931e043230de4a33>>. Acesso em: 1 jan. 2018.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/371>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

OLINTO, Gilda. Indicadores de gênero para a sociedade do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7. 2006, Marília. *Anais eletrônicos...* Marília: Unesp, 2006. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/310>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inclusão Social. *Inclusão Social*, [S.l.], v. 5, p. 68-77, 2012. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>> Acesso em: 11 jul. 2017

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. *Bamidêlê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba*. 122 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ZIRBEL, Ilze. *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate*. 212 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.